

Dramaturgias e Epistemologias Insurgentes na Dança

Marcilio de Souza Vieira

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Lígia Losada Tourinho

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Lucas Valentim Rocha

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Marco Aurélio da Cruz Souza

Universidade Federal de Pelotas (UFPeI)



Aldren Lincoln, foto da obra *Bijú*, de Lucas Valentim

Descrição – Pessoa sentada no chão da calçada de uma avenida, está de perfil, de pernas cruzadas e mãos apoiadas no joelho. Veste uma calça tipo legue toda estampada em cores vibrantes, um vestido colado também estampado, um pano dourado cobre seu rosto e um chapéu branco com flores e cordões de contas coloridas. No pescoço, usa muitos colares de contas diversas, pulseiras nos braços e anéis nas mãos. Nos pés, calça uma meia colorida e listrada e um sapato rosa de salto alto.

Ao fundo, o asfalto iluminado.

A foto da obra apresentada como epígrafe neste editorial, nos provoca a refletir... Aciona um estado de atenção, de silêncio e também de inquietude. No aparente silêncio registrado na fotografia, o corpo de Bijú exalta com o excesso a necessidade de uma presença ser notada. A cena que acontece embaixo de um viaduto de uma grande cidade, entre paredes pichadas e pessoas em situação de rua, insurge como uma voz que deseja ser ouvida. É um ato artístico, festivo, político e ético. Uma ação que desestabiliza a rotina, que rompe com a norma e que embaça as certezas. É um ponto de encontro, uma encruzilhada. Encontro que pressupõe deslocamento de nós em espaços/tempos da urgência, uma pausa para sentir a ferida causada pelo próprio encontro.

O conceito de resistência nessa obra parece ganhar vida e sentido, para nós e para milhares de pessoas dissidentes, anormais e subalternizadas. Resistência na urgência do viver. Isso têm cobrado de nós, professores, artistas, pesquisadores brasileiros, muita resiliência, força e atenção redobrada para as questões humanísticas de nosso Brasil, nesses tempos onde a barbárie e desumanidade ganham volume nos diferentes espaços de convivência. É na relação com esta realidade e este contexto que surge este dossiê intitulado “Dramaturgias e Epistemologias Insurgentes na Dança”.

Trata de uma proposição da *Art Research Journal (ARJ)* e da Associação Nacional de Pesquisadores em Dança (ANDA) como uma das entidades que compõem a organização desta revista. Tem o objetivo de reunir pesquisas e pessoas pesquisadoras que vem se dedicando às questões que tencionam, inovam ou apontam para dramaturgias e/ou epistemologias com temáticas e políticas insurgentes. A ideia é (com)pôr um ambiente comum de discussões que dialoguem com estudos sobre gênero, raça, classe, deficiência e outras articulações que contrapõem perspectivas hegemônicas na dança.

Surge, portanto, como um espaço de formação para todas as pessoas leitoras que não conhecem muito sobre estas epistemologias e dramaturgias insurgentes, que historicamente foram e vem sendo invisibilizadas.

A pergunta que nos move a pensar é: O que podem e como operam estas dramaturgias e epistemologias insurgentes na Dança? Na tentativa de responder, porém sem apresentar algum parecer conclusivo, acreditamos que os trabalhos que compõem este dossiê são de natureza diversa, complexa e potente. Os textos e as pessoas autoras: *Danças e africanidades: desafios anticoloniais na pós-graduação em dança, caminhos desobedientes para epistemologias e estéticas insurgentes* (Amélia Conrado, Lau Santos, Maria Paixão); *Ecodanças: reflexões sobre práticas artísticas afro-indígenas como pesquisa* (Victor Hugo Neves de Oliveira, Liana da Silva Cunha); *Quando a dança se torna nossa: corpos, movimentos, modos de atenção e(m) pesquisa* (Emyle Daltro); *O artivismo de “Flecha”: criação e composição em dança* (Gustavo de Oliveira Duarte, Sergio Pinheiro Cezar); *Gênero e sexualidade na dança do Coco do Grupo Oré Anacã: uma análise coreográfica* (Marcos Antônio Almeida Campos, Patrick Anderson Martins

Magalhães, Luiz Fernando Souza Veras); *Ensino de dança na escola: reforma do ensino médio, disciplinamento e biopolítica* (Tatiana Paduin Bittencourt, Celso Kraemer, Priscila Regina Dallabona Meneghelli); *Dança, grito e superação na covid-19: reflexões sobre “Histórias Abreviadas”* (André Meyer, Cristina Lyra de Carvalho Vianna, Francielle Fanaya Réquia, Miriam Struz, Ana Célia de Sá Earp); *Transmisión de la memoria a traves de la Danza de los Diablos: de la Costa Chica a la Ciudad de Mexico* (Claudia Lora Krstulovic); *A performance humana e das plantas na ecologia do café* (Kidauane Regina, Marina Guzzo); *Dama/Mulher, Cavalheiro/Homem: papéis e relações de gênero na dança de salão* (Bruno Blois Nunes, Maitê Peres de Carvalho); *As damas rebeldes: pedagogias insurgentes nas danças de salão* (Paola de Vasconcelos Silveira); *“Cobertores”: o Parangolé de Carmen Luz no pensamento coreográfico contemporâneo* (Yuji Gushiken); *Mobilizando o conceito de interseccionalidade à luz da obra de Lélia Gonzalez* (Suzane Weber da Silva, Anielle Lemos, Manoel Gildo Alves Neto, Luciano Correa Tavares, Monica Fagundes Dantas, Claudia Muller Sachs); *Branca: a cor da paz* (Felipe Ribeiro, Camila Simonin). Os artigos e a resenha: *As apropriações da dança a partir da prática do jogo digital “Just Dance”* (Paola Luzia Gomes Prudente, Elisângela Chaves); *As danças na educação básica: nas festas escolares e para além delas* (Josiane Franken Corrêa, Débora Souto Allemand, Thiago Silva de Amorim Jesus); *Encruzilhada entre danças populares e dança contemporânea* (Ewellyn Elenn de Oliveira Lima, Marcilio de Souza Vieira).

Os textos e as pessoas autoras sinalizam que estas novas incursões na Dança, nos modos ser e fazer Dança desestabilizam paradigmas e questionam muitas epistemologias aceitas como universais e únicas. Os textos clamam para que vozes diversas sejam legitimadas. Nesse sentido, podemos dizer que estas dramaturgias e epistemologias tratam de possibilidades...

- possibilidades de uma ruptura na ordem de legitimidade em dança e de poder;
- possibilidades de propor intervenções artísticas como interrupções de sentidos;
- possibilidades do surgimento de outras estéticas;
- possibilidades de nos abriremos a novas danças;
- possibilidades de sermos menos ignorantes;
- possibilidades outras. Tantas outras.

A arte da Dança urge por insurgência, por novos saberes, por novos fazeres, por novas dramaturgias e novas epistemologias. Estamos com Deleuze (1992, p. 131) quando desabafa: “um pouco de possível senão eu sufoco”.

Referência

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia?** São Paulo: Editora 34, 1992.